

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O LEVANTAMENTO NACIONAL

é o caminho para acabar com a guerra colonial, a miséria, a ruína e o terror fascistas!

O derrubamento da ditadura fascista é a tarefa nacional mais premente das forças patrióticas portuguesas.

Portugal atravessa uma das horas mais graves da sua existência como nação independente. Agudos problemas criados ao país pela política fascista de Salazar foram agora consideravelmente agravados pela guerra criminosa contra o povo mártir de Angola e pela deliberada preparação de novas aventuras armadas nas colónias.

De facto, a guerra colonial não é apenas o resultado duma política sem perspectivas, encaminhada contra o sentido da História, nem um simples motivo de desprestígio para Portugal. Para o nosso povo a guerra representa o agravamento da nossa dependência económica e política em relação ao imperialismo, significa o devorar de vidas e de bens, o aumento da miséria dos trabalhadores e da ruína das classes médias, o recrudescimento dos métodos fascistas tradicionais de governação, e poderá arrastar o país para um desastre nacional de profundas consequências se, até lá, as massas populares não escorra-

çarem do poder a camarilha colonial-fascista que o ocupa.

A independência nacional em almoeda

Entretanto, perigos sérios ameaçam a nossa precária independência nacional. Salazar para comprar o apoio das grandes potências imperialistas multiplica as concessões ruinosas ao capital estrangeiro. A visita do ministro alemão da Economia, Erhard, resultou em novos compromissos ruinosos para Portugal como ressaltado do comunicado das conversações. A visita do ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, Home, e as anunciadas manobras conjuntas de tropas inglesas

e portuguesas em território nacional mostra também o servilismo salazarista ante os financeiros e colonialistas da City.

A independência nacional está no mercado. Salazar vende-a a quem mais dá.

Novos atentados à liberdade dos cidadãos

Como era de esperar, uma nova onda de terror foi desencadeada contra os discordantes da política salazarista.

Dezenas e dezenas de prisões foram efectuadas em quase todo o país e medidas excepcionais de carácter repressivo foram postas (continua na 4.ª pág.)

Derante a continuação dos massacres da ditadura salazarista em Angola, o governo soviético tornou pública em Maio uma Declaração, na qual denuncia o governo de Salazar por levar a cabo uma política de genocídio do povo angolano e se permitir desprezar as resoluções da ONU.

A Declaração acusa os países imperialistas da NATO de fornecer armamento e de dar apoio político ao regime de Salazar, tornando-se assim cúmplice na agressão contra os patriotas de Angola. Ao mesmo tempo, o governo soviético responsabiliza os governos de todos os países por uma acção conjunta contra a agressão colonial e apela para uma luta enérgica de todas as pessoas e organizações que obru-guem a deter a mão dos colonialistas portugueses. O governo da URSS avisa também que não está disposto a assistir de braços cruzados à destruição do povo angolano, a quem assegura o seu apoio.

Esta posição soviética de ajuda ao povo de Angola, constitui também uma poderosa contribuição à luta do nosso povo para derrubar a ditadura de Salazar, cujos crimes são postos a nu perante todo o mundo.

«PRECISAMOS DA VOSSA AJUDA!»

— diz um apelo dos presos políticos

Pode dizer-se sem receio de exagero que a situação nas prisões fascistas do continente nunca foi tão desumana como agora. Mês

após mês o fascismo agrava a situação dos presos políticos com a nítida intenção de os inutilizar fisicamente.

Parlatórios como nunca houve, nem sequer nos campos de concentração; cerceamentos nos direitos dos presos ao convívio, à correspondência, às visitas dos seus familiares, ao contacto com os seus advogados; prisão durante anos em regime celular de isolamento ou em salas frias, húmidas e mal arejadas; rancho péssimo e sempre igual, corte nos lanches; proibição de recepção pelos presos de livros ou jornais estrangeiros, e mesmo proibição de jornais portugueses; ausência de tratamento médico adequado; provocações e castigos constantes que vão até ao recente espancamento brutal de camponeses do Couço que em seguida foram metidos no «segredo» a pão e água, tal é o sentido do agravamento das condições prisionais.

Porém, o simples enunciar destas barbaridades fascistas, de modo algum dá ideia do sofrimento que causam aos presos. Só quem alguma vez passou pelas prisões fascistas pode calcular o ambiente angustiante que cria, o sofrimento que causa, ver um seu companheiro ser provocado, insultado, espancado, metido no «segredo» a pão e água onde passa um ou dois meses. Só quem alguma vez esteve preso pode saber a revolta que provoca o facto de um bando de guardas boçais e brutais ou de criminosos da PIDE

irromperem numa sala, vasculharem todas as coisas dos presos, roubarem-lhes os seus papeis, fruto de aturados estudos, roubarem-lhes o dinheiro que com tanto sacrifício as famílias lhes mandarem, obrigarem-nos a despir para melhor os revistarem, etc. etc. E, no entanto, isto sucede constantemente em Caxias. Só quem alguma vez esteve preso pode fazer ideia da tremenda tortura moral que provoca a completa proibição de receber jornais. O preso, que é um político, que sacrificou a sua vida pelo seu país e pela humanidade, não faz, então, sequer a menor ideia do que se passa na sua Pátria e no mundo. Durante anos e anos não poder beijar um filho, abraçar a mãe ou a companheira, ter a sua vida íntima totalmente devassada (as visitas têm sempre a presença de guardas que ouvem todas as palavras e provocam por tudo e nada os presos e as famílias), é duma dureza que muitos não calculam. Ver uma companheira de prisão gravemente doente com hemorragias uterinas (como é o caso de Maria da Piedade Gomes dos Santos), ou uma outra, com 67 anos de idade, sofrendo horrivelmente de «bicos de papagaio», reumatismo e asma (como é o caso de Luísa Paula) sem que sejam tratadas, no propósito evidente de lhes abreviar a vida, é extremamente doloroso. Ver vidas pessoais completamente inutiliza-

(continua na 2.ª pág.)

COMUNICADO CONJUNTO dos Partidos Comunistas DE ESPANHA E PORTUGAL

Em relação com os comentários feitos em torno dos recentes acontecimentos pela imprensa fascista espanhola e portuguesa, o Partido Comunista de Portugal e o Partido Comunista de Espanha concordaram em tornar pública a seguinte declaração:

Os Partidos Comunistas de Portugal e de Espanha consideraram que a luta que levam a cabo os seus respectivos povos contra as ditaduras de Franco e Salazar requerem a colaboração mútua dos movimentos de ambos os países. Por conseguinte ambos os Partidos apoiarão e estimularão quantas iniciativas conduzem a reforçar os laços de amizade e de cooperação entre a democracia espanhola e portuguesa. A atitude das ditaduras de Salazar e Franco, que unidas pelo Pacto Ibérico, praticam uma política de estreita cumplicidade — posta em evidência uma vez mais no caso do «Santa Maria» — torna mais urgente o reforçamento da cooperação, ajuda mútua e solidariedade activa das forças democráticas de ambos os países.

O Partido Comunista de Espanha e o Partido Comunista Português, ligados pelos laços do internacionalismo proletário e pela sua ideologia comum marxista-leninista, têm prestado constantemente uma ajuda mútua e solidária. Essa ajuda tem sido realizada no marco do respeito mútuo pela independência de cada um dos Partidos. A linha política, a tática, a actividade de cada Partido definidas pelos seus respectivos Congressos e Comitês Centrais, sem ingerência de nenhum género são determinadas pelas características particulares da situação de cada país.

Do facto de Espanha e Portugal sendo Estados distintos, não formarem um conjunto político e das particularidades e diferenças que, apesar da semelhança do regime fascista, existem na situação política dos dois países, resulta que cada um dos dois povos desenvolve a sua luta independente, com tática e métodos próprios. A pretensão de estabelecer um «centro comum» de direcção das forças anti-fascistas portuguesas e espanholas e até um «exercício de libertação» comum não corresponde à realidade, contraria o conteúdo nacional e independente do movimento de libertação de cada um dos países, é susceptível de criar dificuldades e provocar acções inadequadas das forças democráticas, e facilita a propaganda fascista, que trate de negar o carácter nacional dos movimentos da oposição de cada país e apresentá-los como «uma conjura estrangeira».

O Partido Comunista de Espanha e o Partido Comunista Português consideram que a libertação dos seus respectivos povos não depende da acção de grupos isolados com métodos terroristas e, muito menos, da fusão de alguns destes com um carácter artificialmente ibérico, mas sim da unidade das forças anti-fascistas e da oposição em cada país e do incremento da luta nacional contra as ditaduras de Franco e de Salazar.

AMNISTIA!



INTENSIFIQUEMOS A LUTA PELA AMNISTIA AOS PRESOS POLÍTICOS

Nos últimos dois meses, a ditadura deu novos passos na intensificação das perseguições e do terror. O novo ministro do Interior anuncia que vai empregar a força «*com firmeza inflexível*», exalta os crimes da PIDE, reclama que se estimule o «*espírito combativo*» da Legião. O novo comandante da PSP anuncia nos jornais que está disposto a «*reprimir com firmeza toda a acção que possa prejudicar a ordem e a tranquilidade públicas*». A GNR, com um novo comandante geral, redobra na acção repressiva e na vigilância política. Entretanto, o «*Século*» vai proclamando cinicamente que «*não pode haver contemplanções*» para quem não cerrar fileiras em torno de Salazar. Não se pode fazer uma guerra condenada por todo o povo sem apertar ainda mais as algemas da repressão sobre o país.

Centenas de anos de prisão

Nos últimos dois meses, novos grupos de lutadores pela libertação de Portugal foram condenados pelos juizes fantoches do Tribunal Plenário. Entre eles contam-se: Joaquim Gomes dos Santos, membro do CC do nosso Partido, condenada à revelia a 8 anos de prisão; Cândida Ventura membro do CC

do Partido, condenada a 5 anos; António Gervásio e Dr. Orlando Ramos, funcionários do Partido, condenados a 3 anos e meio e 4 anos; Adélia Terruta, funcionária do Partido, condenada à revelia a dois anos e meio; Maria da Fiedade Gomes dos Santos, condenada a dois anos. Todos estes camaradas foram ainda condenados em «*medidas de Segurança*».

No Supremo Tribunal Militar, em três sinistras sessões foram confirmadas as penas que tinham sido aplicadas ao grupo de patriotas de Luanda: 138 anos e meio de prisão para 26 réus, sujeitos ainda às «*medidas de segurança*». O promotor de Justiça, o feroz coronel João Dias de Carvalho, ainda insatisfeito com as penas, gritou no Tribunal: «*Estou certo que, em breve, outro julgamento com novas provas levará os réus a responder como criminosos de guerra*».

Estes processos, definem a acção da ditadura nos últimos dois meses.

Novas torturas

Na sede da PIDE continua a faina de inventar novas torturas para os anti-fascistas; algumas das camponesas do Couço que estão presas há seis meses foram postas em cima de cadeiras, apoiadas num só pé e

amarradas para não caírem, conservando-se assim por 4 horas. Estas mulheres ficaram completamente esgotadas, com o corpo marcado de nódoas negras e com as pernas e pés de tal modo inchados que durante vários dias não puderam calçar-se.

O povo luta contra o terror

Só a luta unida de toda a população pode defender a vida dos anti-fascistas e arrancá-los das prisões. Na Marinha Grande, onde a PIDE prendeu 30 democratas, sobretudo operários, desenvolveu-se um forte movimento de protesto: foram recolhidas mais de 400 assinaturas de solidariedade, desmascarando as torturas da PIDE, fizeram-se grandes inscrições nas paredes, distribuíram-se documentos, e pessoas de família dos presos dirigiram-se ao Presidente da Câmara.

No Seixal, Barreiro, Almada e Moita foram ultimamente recolhidas mais 1.650 assinaturas pela Amnistia. Foram também numerosas as mensagens de apoio à Conferência Pro-Amnistia de Paris, sobretudo de grupos de operários do sul do país.

Conferência Europeia pela Amnistia em Portugal

Esta grande iniciativa de solidariedade à luta do povo de Portugal, que terá lugar ainda este ano, deve ser desde já popularizada em todo o país: devem formar-se comissões para a recolha de assinaturas pela Amnistia, para o envio de mensagens de adesão, para a recolha de testemunhos sobre as violências da ditadura de Salazar.

A luta do povo português ganha cada vez maior apoio em todo o mundo, como mostra a formação recente de uma comissão de 50 deputados ingleses para lutar contra a repressão e pela Amnistia em Portugal. É preciso que essa luta se torne cada vez mais intensa no nosso país. Chamemos a colaborar na luta pela Amnistia todas as pessoas de coração!

«Precisamos da vossa ajuda!»

(continuação da 1.ª pag.)

das por dezenas de anos de prisão, como é o caso de Francisco Miguel e Manuel Rodrigues; ver os anos passaram depois de cumprida a pena e não sair em liberdade (Manuel Guedes com 14 anos de prisão há muito terminou a pena; Maria Ângela Vidal, condenada em três anos e meio, faz este mês oito anos de prisão), é doloroso e revoltante.

É neste ambiente, em que os exemplos que demos podiam ser multiplicados por dezenas, que vivem os presos políticos portugueses.

Acaba de chegar à nossa Redacção um comovente apelo dos presos de Caxias, dirigido a todos os anti-fascistas e muito em especial às famílias e amigos dos presos, do qual transcrevemos as seguintes passagens: «*Conheceis cada um de nós pessoalmente, e a nossa determinação de continuarmos de cabeça levantada, de prosseguirmos na luta, de defendermos dentro e fora da cadeia a nossa dignidade. Por isso confiamos que o apelo que aqui vos vamos lançar seja por vós escutado e atendido*».

E depois de enumerar as formas de agravamento da situação prisional nos últimos meses, diz este apelo: «*hoje ficareis conhecendo mais uma violência sem nome com que fomos atingidos: no dia 4 foi barbaramente espancado por agentes da PIDE o nosso camarada António Joaquim Gervásio, funcionário do P. C. P., após o julgamento no Tribunal Plenário de Lisboa, e em seguida metido no «segredo» de Caxias durante cinco dias, sem sequer lhe ter sido lido qualquer «despacho». Quando regressou à sala*

ainda levava a cara desfigurada e nódoas no corpo. Manchas com o seu sangue foram vistas no calabouço do Tribunal Plenário. O que aconteceu com o camarada António J. Gervásio é a repetição de casos anteriores, mas este ainda mais grave. E também uma ameaça que pesa sobre todos nós quanto ao futuro. Qual de nós vai ser espancado seguidamente? E com que violência?» E mais adiante: «Precisamos de vós! Precisamos da vossa ajuda constante, da vossa acção constante!»

Precisamos que o amor que nos tendes — amor que sabemos ser grande e de que não duvidamos — precisamos que esse amor se transforme em acções concretas de protesto contra as violências que nos feriram».

Portugueses! Homens e Mulheres de coração! Jovens corajosos e abnegados! Salvemos os presos políticos!

Que cada um individualmente e todos de modo organizado protestemos por meio de cartas, postais, telefonemas, abaixo-assinados, junto das autoridades, da Ordem dos Advogados, da Cruz Vermelha, da ONU, contra a repressão fascista. Fazamos inscrições nas paredes, publiquemos manifestos e tarjetas revelando as condições prisionais e chamando o povo à luta contra tais condições. Formemos comissões para a luta contra a repressão e pela Amnistia. Sente-se profundamente nas prisões a falta de roupas, dinheiro e tabaco. Angariemos todos os donativos possíveis e enviemo-los para as prisões. Prestemos ajuda moral e material às famílias dos presos.

SALVEMOS OS PRESOS POLÍTICOS!

Reportagem

MASSACRE E

Chegou recentemente à nossa Redacção uma reportagem enviada de Angola de que publicamos a seguir uma parte bem elucidativa do que é a comunidade «pluri-racial» de que falam os fascistas, ou seja o terror imperialista. A parte que publicamos refere-se ainda aos acontecimentos ocorridos no cemitério de Luanda em Fevereiro.

«LUANDA: No domingo, ao fim da tarde, realizou-se o funeral dos polícias e do cabo mortos na noite de sexta para sábado. Como muitos milhares de pessoas, estive no cemitério. Tudo parecia decorrer normalmente como em qualquer enterro.

Porém, quase no final, ouviram-se uns tiros no largo fronteiro ao cemitério. A partir daí o que se passou é indescritível. Os brancos começaram a correr para o exterior, empunhando pistolas, labuletas que minutos antes referenciavam as campas e até pesadas cruzas de ferro. Os polícias começaram também a agir ao acaso e a excitar a multidão.

Perto os fotógrafos estrangeiros «disparavam» as suas máquinas fotográficas, e deviam ter feito sensacionais reportagens.

UMA CARTA ES

Num quartel de Lisboa foi afixada uma carta de um oficial fascista que, se revela o cinismo e os baixos instintos do criminoso que a escreveu, é contudo uma expressão fiel da política de genocídio praticada pelo governo de Salazar. Referindo-se a acontecimentos ocorridos perto de Nabuangongo, diz o autor desta carta: «*Rechacados os primeiros atacantes, entramos pela povoação deles (sanzala) e limpámos TOTALMENTE o terreno. Houve talvez precipitação dos nossos soldados, pois confundiram os sexos e as idades, de modo que ninguém ficou vivo. Depois, como medida profilática contra epidemias, deitou-se fogo a tudo. Houve aqui, também um pouco de precipitação, já que, durante o incêndio, se ouviam presos a gritar por não ter havido tempo de os evacuar para os respectivos hospitais.*

Após três dias de viagem deparou-se-nos uma sanzala enorme donde nos fizeram alguns tiros... entramos na sanzala e... encontrámo-la deserta. Transpusemo-la, paramos os carros e voltámos atrás para a incendiar... Tíntemos chegado à meia hora quando

ENTREVISTA CO

Um oficial português entrevistado em Luanda pelo jornal londrino «Daily Mirror», afirmou referindo-se aos patriotas angolanos: «*Calculo que matámos 30.000 destes «animais». Provavelmente há mais 100.000 trabalhando com os terroristas.*

É necessário que o nosso povo traça o caminho que cada português honesto, amigos, companheiros de trabalho e guerra colonial e os incite a lutar o mas, contra esta guerra com a qual o povo angolano, mas em que será

40.º ANIVERSÁRIO DO P. C. PORTUGUÊS

À Direcção do nosso Partido chegaram ultimamente mensagens de saudação dos Partidos Comunistas irmãos da Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Espanha, Itália, Inglaterra, e Grécia, que não publicamos neste número do «Avante!» por não dispormos ainda do seu texto integral.

Assinada pelo camarada Jacques Duclos recebemos também uma saudação do C.C. do Partido Comunista Francês de que transcrevemos algumas passagens:

SAUDAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS

«O vosso Partido comemora este ano o seu 40.º aniversário. Permite-nos, por esse motivo, dirigir ao vosso Comité Central, a todos os comunistas portugueses, à classe operária e ao povo do vosso país, as saudações mais calorosas dos comunistas e trabalhadores da França»

A cabeça das massas populares das cidades e aldeias o vosso Partido trava uma luta ardente e corajosa pelo melhoramento das suas condições de vida, pelas liberdades democráticas e contra a ditadura fascista.

Aos povos das colónias portuguesas em luta pela sua liberdade

e independência, e particularmente ao valoroso povo de Angola, o Partido Comunista Português, fiel aos princípios do internacionalismo proletário dá uma ajuda total e desinteressada.

O Partido Comunista Francês que segue com atenção e emoção a luta heróica da classe operária portuguesa e do seu Partido, dirige a sua fraternal saudação a todos os comunistas, a todos os democratas presos nos cárceres de Salazar e que, apesar da repressão e da tortura, mantêm alto e firme a bandeira da democracia e da independência nacional».

Novas lutas da classe operária



O 1.º DE MAIO EM TORTOZENDO

Milhões de trabalhadores do mundo inteiro comemoraram o 1.º de Maio. Este ano tiveram particular brilho as jornadas levadas a efeito em Moscovo e Havana. Os trabalhadores soviéticos festejaram particularmente a conquista do espaço cósmico por Yuri Gagarine. Os trabalhadores cubanos festejaram a sua vitória sobre os imperialistas americanos e acentuaram o sentido socialista da revolução cubana.

Também em Portugal, apesar dos brutais obstáculos repressivos que o governo opõe às comemorações do 1.º de Maio, os trabalhadores conseguiram em alguns lados festejar o grande dia da fraternidade operária. Especial destaque merece o 1.º de Maio em Tortozendo.

O dia 1 de Maio amanheceu na vila operária de Tortozendo com patrulhas da GNR (que tinham sido reforçadas com guardas da Covilhã) e uma brigada da PIDE percorrendo as ruas da vila e rondando as fábricas ameaçadoramente. Tal aparato repressivo não conseguiu contudo amedrontar os valentes operários têxteis que tinham resolvido, como é sua tradição, comemorar o 1.º de Maio.

Mais de 3 centenas e meia de trabalhadores reuniram-se numa quinta dos arredores da vila e aí confraternizaram, cantando e bailando. De regresso à povoação, todos como uma grande família, organizaram no centro da vila uma dança. A GNR ameaça e intima a dispersar. Os operários e operárias, alegres e firmes, respondem a dançar e a cantar:

«Daqui não saio, daqui ninguém me tira».

Furiosos, os guardas da GNR prendem 5 trabalhadores. Perante este facto, os manifestantes cerram fileiras e transmitem a toda a gente o sucedido. O povo responde com indignação correndo para o centro da vila. Alguém dava um viva ao 1.º de Maio e toda a multidão secundava este viva. Depois sucedem-se os vivas ao 1.º de Maio e as reclamações de imediata libertação dos 5 prisioneiros. A multidão avança para o posto da GNR, onde o sargento ameaça fazer fogo sobre o povo. Em seguida, todos se dirigem ao Presidente da Junta a quem reclamam a libertação dos seus companheiros. Este tenta intimidar, mas perante a firmeza popular acaba por ceder e os 5 presos são postos em liberdade.

Como protesto contra esta acção salazarista, a maioria dos operários de Tortozendo apresentou-se ao trabalho no dia seguinte de gravata preta. De então para cá, são chamados ao posto da GNR, quase todos os dias, vários operários. Mas também a esta tentativa de intimidação os trabalhadores de Tortozendo respondem firmes e unidos.

A jornada do 1.º de Maio em Tortozendo é um grande exemplo de como se pode comemorar o 1.º de Maio mesmo sob o fascismo, e de como se pode fazer recuar a repressão quando contra ela nos levantamos em massa e unidos como um só homem.

M ANGOLA

Depois tudo foi uma crescente manifestação de selvageria. Tiros iniciais que foram disparados sem que nada os justificassem, como vim a averiguar, desencadearam um autêntico massacre ao negro.

Assim que o trânsito permitiu, seguiu para a cidade enquanto atrás o tiroteio continuava, por parte dos civis e da polícia. E por toda a noite assim foi. Todos os pretextos serviam para matar negros: mataram-se negros porque «roubaram galinhas», mataram-se negros porque «eram malcriados», mataram-se negros porque fugiam, mataram-se negros porque eram negros. Eu próprio vi a uns escassos 30 metros de mim assassinar um dos primeiros negros. O negro fugia dum grupo de dez a vinte brancos. Ouvem-se tiros. O negro cai estendido e logo fica imóvel. Os autores da proeza riem com riso histérico e brandem os braços ameaçadoramente.

E pela noite fora a «caçada» continuou. Grupos armados com pistolas ou caçadeiras percorriam os mucecos e a tiram sobre o primeiro negro que aparecesse de dentro dos automóveis».

CLARECEDORA

se ouviu um enorme alarido: eram os pretos. O bando atacante, com um preto no meio a dançar e a brandir uma catana, avançou deliberadamente para o nosso acampamento onde nem sequer se tinham posto sentinelas. Mas o malta, já com a prática de quatro ataques anteriores, gostou da façanha em lugar de se assustar; e eil-os a caçar negros com a calma de quem mata perdizes. Como se verificou que o bando era de algumas centenas e que as munições já eram poucas, recorreu-se à bazuca, que habilmente manejada por um dos soldados dos tesos, implantou três granadas mesmo no seio do grupo. Houve pernas e cabeças de preto pelo ar... e acabou-se o inimigo. Quando, no dia imediato, passamos pelo local ainda houve necessidade de acabar à sabrada muitos que teimavam em não morrer.

De lá, vim para o hospital. Logo que bom, voltei para o mata: é emocionante e é português».

São cartas de fascistas como este que as autoridades militares portuguesas julgam as mais convenientes para «educar» os nossos soldados.

M UM OFICIAL

Tencionamos matá-los quando a estação seca principiar, daqui acerca de 6 semanas».

E o jornalista comenta: «A estação seca dura perto de 4 meses e para atingir semelhante alvo seria necessário cometer quase 1.000 mortes por dia».

e a mão destes criminosos. É ne- e democrata explique aos seus vizinhos a natureza desta infame ganizadamente, por todas as forças fascistas querem exterminar o inevitavelmente derrotados.



Uma vitória dos pescadores

Os pescadores do bacalhau que partiram para a nova safra são brutalmente explorados pelos armadores e pelo Grémio. Depois da greve vitoriosa, no ano passado, em pleno mar da Groenlândia, os pescadores prosseguem agora a luta pela satisfação de algumas das suas reivindicações imediatas. Exigem a que têm direito e não lhes é paga há 3 anos, exigem o aumento para 7 contos em vez dos 6 que estão a receber no acto da matrícula, exigem a percentagem no óleo de fígado de bacalhau e a terminação da safra no mês de Setembro e não dois meses depois como sucedeu no ano passado.

Este prolongamento da safra deu, no ano passado, origem a uma greve de cerca de 6.000 pescadores que constituíam o total das tripulações dos 100 barcos da frota bacalhoeira portuguesa, na Groenlândia.

Esta greve que se desenvolveu debaixo das ameaças do comandante do Gil Eanes, barco da Marinha de Guerra que todos os anos acompanha a frota bacalhoeira sob o pretexto de servir de navio hospital, mas que na realidade é um instrumento de repressão fascista contra os pescadores, foi totalmente vitoriosa, graças à sua unidade, ao seu espírito combativo e à sua organização. A luta começou pelo envio aos comandantes dos barcos dum exposição assinada por todos os pescadores, pedindo o seu regresso ao país. Como não foram atendidos, constituíram uma Comissão de 200 pescadores (2 representantes de cada barco) que foram ao comandante do Gil Eanes expor a sua reivindicação de regresso ao país e exigir a libertação dum seu camarada preso, acusado de ser o «cabecilha» da luta. O pescador foi libertado e, no dia seguinte, como os comandantes não se dispuseram a partir, nenhum dos 6.000 pescadores se apresentou ao trabalho e, aos pedidos dos comandantes para levantarem o isco e irem para a pesca, gritavam: «Portugal, Portugal é o nosso caminho!» Conseguiram assim o regresso imediato de toda a frota ao país.

Esta luta é mais um exemplo a ser seguido por todos os trabalhadores das cidades e dos campos de Portugal.

40.º ANIVERSARIO DO P.C. DA CHINA

Há 40 anos, a grande China era um país incrivelmente alastrado onde milhões de camponeses e operários viviam condenados a uma tirroz miséria sob o jugo cruel dos senhores feudais e dos imperialistas estrangeiros. Foi na luta revolucionária contra esta situação que nasceu, em 1 de Junho de 1921, o Partido Comunista da China, que se lançou desde os primeiros anos a organizar a luta armada do povo unido numa só frente contra os opressores.

Através de 25 anos de guerras revolucionárias, primeiro contra os feudais e o imperialismo inglês, depois contra a camarilha capitalista de Chang-Kai-Chek, mais tarde contra os imperialistas japoneses, e por último de novo contra Chang-Kai-Chek e os imperialistas norte-americanos que o apoiavam, o Partido Comunista da China, dirigido por Mao-Tse-Tung, temperou-se como um grande partido leninista, como o dirigente reconhecido de todo o povo chi-

nês na luta pela sua emancipação.

Assim se tornou possível derrotar completamente os imperialistas e as classes reaccionárias da China e proclamar em 1 de Outubro de 1949 a República Popular da China.

Lançando-se decididamente à reconstrução da economia devastada pela guerra e à destruição do feudalismo, o Partido Comunista da China completava ao fim de 3 anos no poder a distribuição de terra a 500 milhões de camponeses por meio da Reforma Agrária e iniciava os planos quinquenais.

Ao passar o 40.º aniversário do glorioso Partido Comunista da China, «Avante!» saúda calorosamente os grandes feitos revolucionários dos comunistas chineses, desejando-lhes os maiores êxitos na construção do socialismo no seu país. Unida fraternalmente à União Soviética e aos restantes países do campo Socialista, a República Popular da China caminha para o socialismo e o comunismo.

7.000 operários das pedreiras CONQUISTAM AUMENTOS DE SALÁRIOS

Após demorada luta, travada pelos operários das Pedreiras de Carenque, Pero Pinheiro e toda a região do concelho de Sintra, onde se situa a maior parte desta indústria, e de Cascais, foi finalmente concedido um aumento de que beneficiam cerca de 7 mil trabalhadores.

A luta foi demorada e travada simultaneamente nas empresas e sindicato, mas só depois de os operários de algumas empresas, como das Pedreiras do Pardal Monteiro em Carenque, haverem feito várias concentrações junto dos escritórios e terem entrado na redução da produção, que chegou a atingir cerca de 50%, é que o aumento foi concedido.

Esta vitória, veio animar os trabalhadores desta indústria, mas ela está longe de satisfazer as suas necessidades. O pessoal das pedreiras que ganhava 32\$00 passou a 36\$00, o que ganhava 37\$00 passou a 42\$. Este aumento não satisfaz a classe porque além de reduzido, ele foi

mais baixo para os que ganhavam menos. Esta manobra foi feita com o objectivo de dividir a classe, mas esta adquiriu uma rica experiência na luta até agora travada, que se for devidamente aproveitada pode conduzir a novas vitórias.

Trabalhadores dos Mármore e Pedreiras! não vos deixeis dividir nem abrandeis a vossa luta. Se continuardes unidos e recorrerdes a todas as formas de luta incluindo a baixa de produção e a greve, os capitalistas serão obrigados a ceder.

Avante pela unidade da classe! Avante por novos aumentos!

Em S. Pedro da Cova OS MINEIROS VENCEM

Em Março, perto de 100 mineiros abandonaram o trabalho e concentraram-se na direcção onde uma comissão de 14 operários reclamou aumento de salários. Com esta luta, os mineiros arrancaram aumentos de 5\$ e 7\$00. Entretanto, como ao pessoal de algumas secções fossem retirados ao mesmo tempo 3\$ de suplemento para a passagem, deu-se logo uma nova concentração de uns 200 mineiros reclamando a continuação do suplemento.

Além disso, pelo novo contrato colectivo, a classe conquistou a jornada de 7 horas, velha aspiração dos mineiros. Tendo a empresa começado a aplicar o novo horário só 16 dias depois do estabelecido no contrato, os operários reclamam agora a indemnização que lhes cabe

AMIGOS!

O Partido não pode alargar a luta contra a ditadura fascista sem grandes recursos financeiros!

Recolhei fundos para o Partido!

Organizai grupos de amigos do Partido!

SÃO PRECISAS MAIS ACCÇÕES

CONTRA A GUERRA DE ANGOLA



3 meses de chacina

Passados 3 meses desde que o povo angolano se lançou na luta armada pela sua liberdade e independência, qual é a situação?

Estão já em Angola 30 mil soldados, que utilizam a aviação, napalm e bazucias contra os angolanos armados apenas de catanas e espingardas; os civis, a quem foram entregues armas, têm autorização expressa para matar. Dezenas de aldeias já foram arrasadas, sendo exterminados friamente todos os seus habitantes, homens, mulheres e crianças. Em Maio, calculava-se já em 30 mil o número de angolanos chacinados pelas tropas portuguesas. Mais de 40 mil africanos refugiaram-se na República do Congo, procurando escapar à matança que está a provocar um grande movimento de protesto em todos os países do mundo. O governo de Salazar torna-se culpado perante a Humanidade de um monstruoso crime de genocídio que só tem comparação com as atrocidades nazis.

Entretanto, todos estes crimes não conseguem impedir que as forças angolanas de libertação dominem completamente uma superfície maior que a de Portugal onde só resistem algumas localidades abastecidas do ar. Os dois movimentos angolanos de libertação, a U.P.A. e o M.P.L.A., anunciaram a formação duma Frente única e a sua determinação de prosseguir na luta até à conquista da independência. Apesar da esmagadora superioridade em armamento, centenas de soldados portugueses já perderam a vida e a luta torna-se cada vez mais áspera.

Não é com o envio de mais 20 mil soldados, que está planeado ainda para este ano, nem com as ruinosas compras de armamento no estrangeiro, que se pode esmagar a revolta do povo de Angola. Os angolanos lutam pela causa da sua independência nacional e contam com o apoio e a ajuda dos países africanos, da União Soviética e de todo o campo socialista, de toda a humanidade progressiva. A sua causa acabará por triunfar.

Alarguemos a luta contra a guerra

Em Évora, registaram-se grandes manifestações populares contra a partida das tropas. Os soldados recusaram-se durante 2 dias a sair

Negrão de Lima
EMBAIXADOR E POLÍCIA

Em Março, 8 dos mineiros de Alfus trel que aguardavam julgamento pela greve, pediram asilo político na embaixada do Brasil. Mas o embaixador Negrão de Lima não só recusou terminantemente acolhê-los como permitiu que daí a pouco um bando de agentes da PIDE invadisse o ático da embaixada, de pistola em punho, e arrastasse os 8 mineiros para fora a murro e à coronhada. Esta colaboração revoltante do embaixador do Brasil com a odiosa PIDE classifica o sr. Negrão de Lima como um fascista e um indesejável no nosso País. Não são pois de estranhar as suas declarações colonialistas quando da recente viagem que fez a Angola. Reclamai do governo brasileiro a demissão deste embaixador fascista.

do quartel e só no 3.º dia foram levados para o comboio, depois de choques com a PSP. O povo exaltado rompeu os cordões da polícia e invadiu a estação; homens e mulheres saltaram para a linha querendo impedir a saída do comboio, enquanto dentro das carruagens os soldados gritavam. Por fim, a PSP e a GNR varreram o povo para fora da estação e só assim conseguiram fazer partir o comboio.

De todos os quartéis chegam notícias da resistência dos soldados à embarcar e de numerosas deserções. Em Setúbal também os soldados fizeram violentos protestos; na despedida nos navios as famílias e os soldados manifestam a sua revolta contra a guerra. Um grande exemplo de valentia foi dado pelo aspirante miliciano Guerra, do quartel de Lanceiros 2, em Lisboa. Mobilizado para Ango-

la, este corajoso oficial disse ao comandante que se recusava a partir para uma guerra injusta contra a sua consciência e que apoiava a luta do povo angolano. Agredido a pontapé e à bofetada pelo comandante, o aspirante Guerra foi imediatamente preso, nada se sabendo sobre o seu destino. É preciso defender a sua vida!

Alarguemos rapidamente as acções contra a guerra, de modo a erguer uma barreira perante o governo fascista.

Soldados, marinheiros, aviadores! Organizai nos quartéis, barcos e bases aéreas a resistência aos comandos fascistas. Recusai-vos em conjunto a partir!

Trabalhadores! Jovens! Organizai a agitação contra a guerra por meio de discussões nas empresas e nos bairros, inscrições nas paredes, targetas e cartazes.

Operários dos estaleiros navais e das fábricas de armamento! Portuários! Organizai-vos para resistir à fabricação e envio de armamentos. Fazei trabalho lento, preparai protestos e paralizações.

Mulheres portuguesas, mães, esposas, noivas e irmãs dos soldados! Lutai para impedir a partida das tropas, segui o valoroso exemplo do povo de Évora!

Formemos por toda a parte Comitês de Luta contra a guerra!
AVANTE NA LUTA POPULAR
CONTRA A GUERRA DE ANGOLA!

PELO FORTALECIMENTO ORGÂNICO DO PARTIDO

Na reunião de Dezembro do C.C. do Partido discutiu-se em profundidade a situação da organização partidária e foram aprovadas medidas e conclusões publicadas no «Militante» n.º 108.

Dar um impulso decisivo à organização e à actividade geral do Partido, construir num curto espaço de tempo um forte e grande Partido nacional, é uma tarefa essencial para todos os militantes comunistas e uma condição necessária para a organização da Nação com vistas ao levantamento nacional que conduzirá ao derrubamento do salazarismo.

Nos seis meses decorridos verificam-se alguns progressos numéricos nos efectivos do Partido e na estruturação de algumas organizações, mas progressos que não nos podem satisfazer.

Um esforço decidido se impõe da parte de todos os membros do Partido para recrutar e organizar nas nossas fileiras milhares de homens, mulheres e jovens honrados e combativos, e criar novas organizações do Partido em empresas, escolas, localidades e regiões onde não existem organizações ou onde elas estão debilitadas.

Avante no recrutamento de milhares de novos membros do Partido! Avante na criação de novas células de empresa! Avante no rápido alargamento, estruturação e fortalecimento de todas as organizações do Partido!

O LEVANTAMENTO NACIONAL

(continuação da 1.ª pág.)

em prática pelos governantes fascistas. A prisão dos conhecidos democratas Drs. Mário Soares, Gustavo Soromenho e Acácio Gouveia, pela simples razão de terem subscrito um programa político de oposição ao regime, insere-se nesta nova ofensiva terrorista contra o povo português.

E a perspectiva é ainda da intensificação desta política anti-nacional, como decorre das declarações de Salazar ao «New York Times».

Ante os resultados catastróficos destes 35 anos de fascismo, o tirano Salazar não tem outra coisa a oferecer ao país senão a continuação da sua política de miséria, terror e traição nacional.

Derrubar o seu poder, liquidar a guerra colonial, restituir ao povo português as liberdades democráticas e, pois, a tarefa mais premente e mais honrosa das forças patrióticas de Portugal.

O caminho para o levantamento nacional é um caminho de luta

O Comité Central do Partido Comunista, na sua reunião de Março último, definiu o caminho mais viável para o derrubamento da ditadura fascista e para a conquista da liberdade política — o levantamento nacional.

Esta palavra de ordem central do Partido Comunista decorre duma análise objectiva da situação nacional e da natureza da revolução popular anti-salazarista.

O levantamento nacional não é, porém, uma acção a desencadear na hora H, por decreto das forças da oposição, desligada de toda uma série de condições imprescindíveis. Tem de ser a culminação de milhares de lutas económicas e políticas de todo o tipo através das quais as massas populares ganhem combatividade, consciência política e nível de organização. O seu triunfo implica ainda a captação ou neutralização da parte mais considerável das forças armadas.

O levantamento nacional poderá então assumir a forma duma greve geral política de carácter insurreccional que destrua o aparelho repressivo e armado do fascismo e leve de vencida o odioso poder salazarista.

O povo português chegará ao levantamento nacional tanto mais depressa quanto mais intensa, unida e organizada for a luta contra a ditadura de Salazar.

- E a luta contra a ditadura de Salazar — é a luta contra os monopólios e os grandes agrários, a luta pela Reforma Agrária e pelo aproveitamento das riquezas nacionais em benefício do povo português;
- é a luta contra o domínio imperialista estrangeiro e pela completa independência de Portugal;
- é a luta pelo bem-estar do povo português;
- é a luta pelo reconhecimento do direito dos povos coloniais à auto-determinação e à independência;
- é a luta pela Paz e contra a guerra nas colónias;
- é a luta pela liberdade política.

A unidade, condição indispensável

A preparação do levantamento vitorioso das massas populares contra o regime fascista, exige a conjugação de esforços de todas as forças patrióticas do país à volta de pontos mínimos comuns de acção.

A constituição da Junta Patriótica representa, sem dúvida, um passo em frente nessa indispensável aglutinação das forças anti-salazaristas. O Partido Comunista saúda a formação deste movimento e afirma a sua disposição de desenvolver e apoiar todos os esforços tendentes à unidade, à organização e à mobilização das massas populares e das forças políticas de oposição ao regime.

Mas o Partido Comunista alerta contra toda a estreiteza e formas sectárias na constituição e actuação das Juntas de Acção Patriótica. Tais organismos sómente poderão representar um importante papel, na condição de se ligarem estreitamente às massas, através duma perseverante acção de massas, que exclui os métodos anarquistas e de terrorismo individual — na condição de se tornarem verdadeiros organismos impulsores da luta popular pela solução dos problemas que mais afligem o povo.

Multiplicando os esforços de organização, encaminhando num sentido justo a acção dos organismos populares de todo o tipo, as forças patrióticas portuguesas poderão num prazo breve alcançar êxitos importantes no caminho da luta contra a ditadura salazarista,